



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS

MONOGRAFIA EM LITERATURA

**ESTUDOS INICIAIS ACERCA DA ESTÉTICA
LUKÁCSIANA – A DIALÉTICA UNIVERSAL,
PARTICULAR E SINGULAR.**

Isabela de Almeida Araújo

Ana Laura dos Reis Corrêa

Orientadora

Brasília – 2014



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS
MONOGRAFIA EM LITERATURA

ESTUDOS INICIAIS ACERCA DA ESTÉTICA
LUKÁCSIANA – A DIALÉTICA UNIVERSAL,
PARTICULAR E SINGULAR.

Isabela de Almeida Araújo

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas – TEL, do Instituto de Letras – IL, da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Letras – Português (Língua Portuguesa e Respectiva Literatura).

Orientadora: Profa. Dra. Ana Laura dos Reis Corrêa

Brasília – 2014

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS
MONOGRAFIA EM LITERATURA

ARAÚJO, Isabela de Almeida. *Estudos Iniciais acerca da Estética Lukácsiana – A Dialética Universal, Particular e Singular*. Monografia de Graduação. Brasília: TEL/IL/UnB, 2014.

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas – TEL, do Instituto de Letras – IL, da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Letras – Português (Língua Portuguesa e Respectiva Literatura).

Aprovado por: Professora Doutora Ana Laura dos Reis Corrêa

Brasília, dezembro de 2014.

*Aos meus grandes mestres,
André Luís Gomes, Adriana Araújo e Ana Laura dos Reis Corrêa.*

AGRADECIMENTOS

Esta monografia resume o período de trabalho árduo que se estabeleceu em minha graduação. Gostaria de agradecer a todos que passaram pelo meu caminho. A UnB foi um novo mundo que descobri além da realidade em que eu vivia. Foi aqui onde encontrei grandes amigos que me acompanharam até este momento. Foram muitas alegrias, muitos sorrisos, mas também, muitas dificuldades e algumas tristezas. Porém, minha graduação foi repleta de conquistas e vitórias, tanto em minha vida pessoal, quanto profissional e acadêmica.

Foram muitas as pessoas que me ajudaram a continuar em busca dos meus objetivos. Poderia citar inúmeros colegas que, de uma forma ou de outra, contribuíram com uma palavra amiga, elogios, conselhos e críticas. Além disso, não posso esquecer os professores que fizeram parte dessa história, mesmo que alguns tenham sido muito bonzinhos e outros muito difíceis de lidar, hoje, carrego comigo um pedacinho de cada um deles.

Contudo, toda essa história não seria possível sem a presença da minha família. Todo o esforço que meus pais e avós fizeram para que me tornasse quem eu sou foi válido. Ser a primeira pessoa da família a entrar e se formar em uma universidade federal é um orgulho tanto para mim quanto para meus pais. Quero deixar registrado também meu agradecimento ao apoio da minha tia Josilene, que tanto investiu em mim e sempre deu conselhos sobre minhas escolhas. Se não fosse por ela, muitas coisas teriam sido diferentes.

Além disso, aproveito a oportunidade para dizer “muito obrigada” ao meu namorado, Ismael, por toda a paciência e companheirismo. Ele, mesmo não sendo da área de Letras e não entendendo muito sobre o que a teoria trabalhada nesta monografia representa para a literatura, com muita sabedoria soube escutar minhas queixas e meus discursos cheios de desespero. Como também comemorou e ficou feliz junto comigo em todos os momentos de felicidades.

Outra pessoa que merece um agradecimento em especial é minha grande amiga Elizabete Barros. Eu a conheci ainda no início da minha graduação: era minha veterana e monitora de Renascimento Português. Começamos a caminhar juntas e desde

então nos ajudamos com nossas escolhas acadêmicas e pessoais. Tenho muito orgulho dela e agradeço infinitamente pela sua amizade. A minha pequena jornada acadêmica muito se deve a ela e, por isso, não posso deixar de demonstrar aqui meu carinho pela Betinha.

Além disso, quero dedicar esta monografia ao professor André Luís Gomes, que me acolheu no *Quartas Dramáticas* quando eu ainda era caloura. Com ele aprendi que a literatura vai muito além dos livros. O teatro e o cinema são grandes veículos da arte literária. Agradeço muito por ter participado do *Sombras Literárias* na 1ª Bienal Brasil do Livro e da Leitura em 2012 e do projeto *Dramaturgia: Leitura e Inovação – Revisitando o século XIX* (2013), os quais me proporcionaram novas experiências com a performance e que contribuíram para a minha vida pessoal e profissional. E claro, não posso deixar de citar os amigos que fiz nesse período.

Dedico também à professora Adriana Araújo, por ter me direcionado ao caminho da Literatura. Sempre nutri por ela uma grande admiração: uma professora muito humana, que está disposta a ajudar os alunos e compartilhar seus conhecimentos. Sou grata por ter participado do grupo de pesquisa *Literatura, Estética e Revolução* (LER) e por ter sido monitora da disciplina de Literatura Brasileira – Barroco e Arcadismo durante três semestres. Essas experiências ajudaram-me a escolher meus caminhos literários.

Para concluir, como não poderia ser diferente, minha dedicatória mais que especial à professora e minha orientadora Ana Laura, que me apresentou ao Lukács e à Crítica Literária Dialética. É um prazer fazer parte do seu grupo de pesquisa e ser sua orientanda. Esta monografia é resultado do começo de nossos trabalhos e agora nos encaminhamos para a finalização do PIBIC e para o projeto de mestrado. Muito obrigada pela orientação e pela oportunidade de participar dessa “família”.

A integração é o conjunto de fatores que tendem a acentuar no indivíduo ou no grupo a participação nos valores comuns da sociedade. A diferenciação, ao contrário, é o conjunto dos que tendem a acentuar as peculiaridades, as diferenças existentes em uns e outros. São processos complementares, de que depende a socialização do homem; a arte, igualmente, só pode sobreviver equilibrando, à sua maneira as duas tendências referidas.

Antônio Candido

(em Literatura e Sociedade, p. 33, 2010)

A particularidade é fixada de tal modo que não mais pode ser superada: sobre ela se funda o mundo formal das obras de arte.

Lukács

(em Introdução a uma Estética Marxista, p. 149, 1970)

RESUMO

Lukács se dedicou muito à obra econômica e filosófica de Marx e estudou com empenho as considerações estéticas marxistas. Atualmente, nos apoiamos à teoria lukácsiana quando tratamos da Crítica Literária Dialética. Assim, tendo em vista essa corrente de estudos, o objetivo dessa monografia, com o título *Estudos Iniciais acerca da Estética Lukácsiana – A Dialética Universal, Particular e Singular*, é apresentar um estudo sobre o livro *Introdução a uma Estética Marxista* (1970) dando ênfase nas relações entre o materialismo dialético e a estética. Neste trabalho, propomos uma reflexão dos estudos filosóficos sobre o reflexo estético à obra de arte, especialmente, à representação literária. Para chegarmos à concepção materialista dialética das categorias do universal, particular e singular, precisamos apresentar a evolução de tal assunto embasado, principalmente, nos pensamento de Kant, Schelling, Hegel, além de Goethe. A partir dessa evolução, pudemos traçar alguns caminhos que nos levam à relação entre arte e sociedade e como isso se dá em uma obra literária. Desse modo, propomos o início do estudo acerca da obra lukácsiana por meio da dialética e suas relações com a realidade e a estética.

PALAVRAS-CHAVE: estética; dialética; obra de arte; Lukács; Marx.

ABSTRACT

Lukacs dedicated himself to the economic and philosophical work of Marx, and he has studied Marxist aesthetic considerations with commitment. Currently, we rely on the Lukacsian theory when dealing with the Dialectic Literary Criticism. Thus, given this current study, the purpose of this thesis, entitled *Initial studies on the Lukacsian Aesthetics - The Dialectic Universal, Particular, and Singular*, is to present a study of the book *Introdução a uma Estética Marxista* (1970) emphasizing the relations between dialectical materialism and aesthetics. This study proposes a reflection of philosophical studies on the aesthetic reflection to the work of art, especially the literary representation. To reach the dialectical materialist conception of the categories of universal, particular and singular, it is needed to present the evolution of this subject grounded mainly in the thought of Kant, Schelling, Hegel, and Goethe. Based on this evolution, it was possible to draw some paths that lead to the relationship between art and society, and how this takes place in a literary work. Thus, it is proposed the start of the study about the Lukacsian work through the dialectic and its relationship with reality and aesthetics.

KEYWORDS: aesthetics; dialectic; work of art; Lukacs; Marx.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Capítulo I – Universal, Particular e Singular: Kant, Schelling e Hegel em direção ao Materialismo Dialético.....	13
1.1 - Kant – Idealismo Subjetivo e Pensamento Metafísico.....	14
1.2 - Schelling – Idealismo Objetivo e Misticismo Irracionalista.....	16
1.3 - Hegel – Dialética Histórico-Social.....	17
1.4 - Materialismo Dialético – Marx e o Particular.....	21
Capítulo II – O Particular e a Estética.....	23
2.1 - Goethe e a Dialética Universal e Particular na Obra de Arte.....	23
2.2 - Retomando o Materialismo Dialético.....	29
2.3 - O Reflexo Estético e as Categorias Dialéticas.....	30
2.4 - A Superação do Universal e do Singular na Particularidade.....	30
2.5 - A Categoria da Particularidade.....	31
2.6 - A Autonomia da Particularidade.....	31
2.7 - Método Materialista-Histórico.....	32
Capítulo III – A Representação Literária da Dialética.....	33
3.1 - A Literatura e as Categorias Dialéticas.....	34
Considerações Finais.....	39
Bibliografia.....	40

INTRODUÇÃO

Esta monografia é fruto do meu interesse, pessoal e acadêmico, em aproximar-me da Crítica Literária Dialética e, especialmente, das obras de Lukács. Em meio a um universo vasto e repleto de pontos relevantes para pesquisa, escolhi trabalhar com um dos aspectos básicos da teoria lukácsiana que é a questão da dialética existente entre as categorias universal, particular e singular.

Como o próprio título da monografia demonstra, este é apenas o princípio da minha pesquisa sobre as obras lukácsianas. A fim de não me emaranhar por entre as teias de conceitos que a teoria de Lukács constitui, optei por limitar minha pesquisa a somente uma obra e suas consequências e implicaturas na representação literária. Para a realização deste trabalho, utilizo como referência principal a obra *Introdução a uma Estética Marxista*, de Lukács (1970). Tanto o livro quanto a monografia dão ênfase na categoria da particularidade e a sua relação com o reflexo estético.

Este trabalho divide-se em três capítulos. Na primeira parte, intitulada *Universal, Particular e Singular: Kant, Schelling e Hegel em direção ao Materialismo Dialético*, busca-se demonstrar como Lukács perpassa pelos filósofos anteriores a Marx para chegar ao materialismo dialético. Desse modo, chego à seguinte conclusão: a dialética materialista entende que entre a universalidade e a singularidade existe uma contínua tensão e uma contínua conversão entre universal e singular em particular e, inclusive, propicia o movimento contrário. Na dialética universal e particular, este tem a função de mediar a relação entre a singularidade dos homens e sociedade (o universal).

O particular possui características específicas, contudo, por ser a categoria intermediária da dialética, ora é confundido com o universal, ora com o singular. A particularidade, assim como a singularidade e a universalidade, não pode ser considerada como um ponto fixo, imutável, essas categorias oscilam – especialmente o particular, em maior ou menor grau a depender do objeto e do propósito do conhecimento que se quer estabelecer.

O segundo capítulo, *O Particular e a Estética*, está subdividido em seções, sendo elas: Goethe e a Dialética Universal e Particular na Obra de Arte; Retomando o Materialismo Dialético; O Reflexo Estético e as Categorias Dialéticas; A Superação do

Universal e do Singular na Particularidade; A Categoria da Particularidade; A Autonomia da Particularidade; e, Método Materialista-Histórico. Como se pode observar pelos títulos, nesta parte procuro trabalhar com a questão da Particularidade, levando em conta as considerações elaboradas por Goethe, além da relação do particular e a estética.

Por fim, no terceiro e último capítulo, *A Representação Literária da Dialética*, são aplicados à arte literária os conceitos apreendidos nos capítulos anteriores. Observamos que a literatura é constituída por personagens encarregados de nos mostrar o universal sem deixar de lado a sua particularidade. É esta categoria dialética que permeia as obras de arte e que deve ser empregada no ponto central do reflexo estético. Assim, a Crítica Literária Dialética cumpre seu propósito de estudar a literatura estabelecendo relações entre os indivíduos e as lutas de classe em um mundo hostil à arte.

CAPÍTULO I

Universal, Particular e Singular: Kant, Schelling e Hegel em direção ao Materialismo Dialético.

Inicialmente, faz-se necessário delimitar o eixo norteador da pesquisa a ser explicitada neste texto monográfico: quais as relações estabelecidas entre universalidade, particularidade e singularidade evidenciadas como um problema do pensamento humano, especialmente quando ligadas à produção artística e aos conceitos estéticos da arte. Alguns filósofos e pensadores tentaram compreender tais categorias relacionando-as ao subjetivismo presente na consciência individual.

A relação entre tais conceitos mostra-se representativa não só para a compreensão da arte, mas também para a formulação do pensamento crítico a respeito da sociedade e dos indivíduos que a constituem. Kant, Schelling e Hegel – dentre outros estudiosos – foram os primeiros a se preocuparem em definir os jogos conceituais que envolvem o universal, o particular e o singular. Posteriormente, ancorado nas ideias destes pensadores e a partir dos seus ideais filosóficos, Marx propõe a dialética materialista.

Contudo, muito antes desses, ainda na antiguidade clássica, Aristóteles já havia demonstrado que existe um perigo quanto à autonomização do universal. Este problema pode constituir-se quando não há a compreensão de que tanto o universal quanto o particular e o singular são determinações da realidade, ou no momento em que só uma dessas categorias passa a ser considerada como real e objetiva em detrimento das outras serem valorizadas de modo subjetivo.

Se esta já era uma pequena preocupação da filosofia aristotélica, não poderia ser diferente com os grandes pensadores que viveram, especialmente, nos séculos XVIII e XIX, tendo em vista as inúmeras mudanças ocorridas na estrutura organizacional da sociedade e no pensamento dos indivíduos, a destacar também as revoluções políticas e econômicas a nível mundial. Por isso, este capítulo preocupa-se, em ressaltar a importância das ideias concebidas por Kant, Schelling e Hegel para a formação do pensamento materialista dialético, a fim de justificar o princípio das ideias que relacionam o particular e o universal iniciado em Hegel e desenvolvido por Marx.

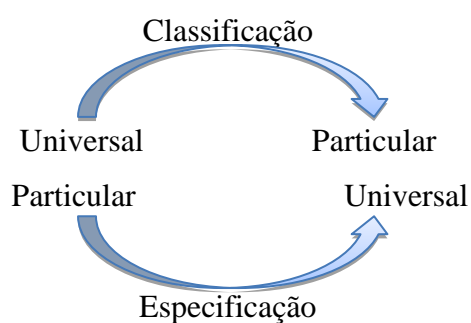
1.1 Kant – idealismo subjetivo e pensamento metafísico

Um dos momentos mais importantes da crise filosófica que foi desencadeada no século XVIII é o surgimento da filosofia kantiana. Não por acaso, a primeira obra em que o problema da particularidade é colocado em evidência, ocupando o lugar central, é na *Crítica do Juízo*, de Immanuel Kant. Diante de uma interpretação burguesa desenvolvida por este pensador, nos deparamos com o *dever ser* de sua ética: uma sujeição incondicionada em que não há espaço para a dialética dos conflitos éticos.

Sem uma posição fixa e determinada, Kant oscila entre o materialismo e o idealismo, entre o pensamento metafísico e o pensamento dialético. Motivada por essas dualidades presentes na filosofia kantiana, a filosofia clássica alemã nos apresenta o método dialético no idealismo. Desse modo, o problema do universal e particular em Kant assume muitas vezes posições contraditórias a algumas concepções já elaboradas pelo autor em outras ocasiões.

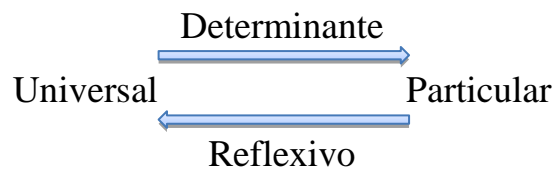
Em Kant, pensando no particular encontramos a subdivisão de conceitos universais, assim, aquele está contido neste. Será necessário comparar as diversas classes e submetê-las a um determinado conceito para que se possa sair do particular em direção ao universal. O movimento inverso, ou seja, partir do universal e descer ao particular faz-se por meio de subdivisões que produzirão a especificação de um conceito. Assim, submete-se o particular (as diversas classes) ao conceito universal, especificando-o.

A partir desse pensamento kantiano, podemos concluir que este se identifica com o pensamento metafísico, além de confirmar a oscilação entre o materialismo e o idealismo. Contudo, refugia-se no idealismo subjetivo. E, assim temos:



Dando continuidade a essa relação entre o universal e o particular, ressalta-se o sistema de “faculdades da alma” estabelecido por Kant. Segundo ele, existe uma divisão do trabalho entre as “faculdades da alma” que consistem em intelecto, juízo e razão. Suas funções são, respectivamente, conhecer o universal; subordinar o particular ao universal, e determinar o particular por meio do universal. Todavia, a tarefa do juízo – portador das leis particulares sob as leis superiores – modifica-se quando se vai do particular ao universal ou vice-versa.

No desenvolvimento do universal ao particular (especificação), o juízo é determinante. E é apenas reflexivo quando se eleva do particular ao universal (classificação). Desse modo, a tarefa do conhecimento é atribuída ao juízo nos dois caminhos:



Outro elemento muito importante observado por Kant diz respeito ao fato de “nossa” alma não ter um conhecimento racional e concreto da realidade. Na filosofia kantiana, o “nosso” uso da razão constitui-se apenas no estabelecimento de limites para o intelecto. No modo de ver do “nosso intelecto”, todas as leis particulares são contingentes e, conseqüentemente, insuperáveis pelo “nosso” pensamento. Para que particularidades sejam chamadas de leis, devem-se fundamentar no “princípio da unidade da multiplicidade” (universalização), porém este é desconhecido e incognoscível “para nós”.

Há ainda outra contradição relevante em Kant no que se refere à *práxis* científica concreta: a relação de subordinação entre as leis particulares e as leis universais constitui um problema, tendo em vista que essa relação deve ser ao mesmo tempo puramente subjetiva e também objetivamente científica. Esse é mais um exemplo de contradições decorrentes do idealismo filosófico. Apesar dos aspectos dialéticos de Kant, nele predomina o pensamento metafísico.

Esta oscilação entre materialismo e idealismo – que em Kant termina sempre com a vitória do segundo – não é a única dificuldade para a construção da nova teoria do conhecimento. Em última análise, a concepção não é só idealista subjetiva, mas, como já vimos, também é metafísica; porém esta própria estrutura conceitual metafísica nasce como resultado de um processo devido à oscilação entre metafísica e dialética. (LUKÁCS, 1970, p. 13)

Kant é levado ao princípio das questões dialéticas por meio da dialética interna dos problemas, mas ele retrocede e recorre à intuição, ao irracionalismo. Seu grande mérito está em ter extraído tais problemas da realidade, do desenvolvimento das ciências e de ter pressentido sua importância. Porém, não desenvolveu nem propôs soluções. Ademais, ele percebeu que aquilo que constitui a particularidade não é uma mera dedução do universal e que não se pode obter simplesmente um universal de um particular.

1.2 Schelling – idealismo objetivo e misticismo irracionalista

Para além de Kant, a filosofia de Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling possui indicações ao início da formulação de uma dialética do universal e do particular. Afirma que a vida constitui-se por um jogo de forças e que não é em-si particular, mas uma determinada forma de ser. Essas forças não são particulares, mas o que as põe em jogo é um princípio particular alcançado por meio das forças universais. Assim, Schelling busca entender dialéticamente a vida. Demonstrando que o significado do particular torna-se mais concreto e insere-se em nexos dialéticos.

Ao tentar definir a relação de universalidade e particularidade, parte da definição de Spinoza “*omnis determinatio est negatio*” (toda determinação é negação). Além de propor que a interconexão de universalidade, particularidade e singularidade é uma simples dedução em que há a subordinação do particular e do singular sob o universal. Essa afirmação deriva de um pensamento metafísico e conduz ao irracionalismo. Desse modo, Schelling pretende desenvolver a dialética da qual Kant ficou à margem.

Com o idealismo objetivo, novamente as coisas possuem a cognoscibilidade em si, a objetividade e a admissão do conhecimento do mundo exterior se firmam como tendências, valores ora perdidos em Kant. Porém, o misticismo irracionalista do qual

Schelling muitas vezes se aproxima representa um retrocesso à base da dialética universal e particular.

Por isso, ainda que esse idealismo objetivo signifique um progresso em face de Kant, e ainda que à sua base a relação dialética do universal e do particular tenha podido tornar-se um importante momento do método filosófico, o ecletismo e o irracionalismo de Schelling, conforme vimos, destroem a cada passo as conquistas que mal tinham sido feitas. (LUKÁCS, 1970, p. 30)

Ainda, sobre o problema da dialética, para esse pensador, a identidade absoluta do universal em síntese com o particular constitui as ideias. Nestas encontramos a dialética do universal e particular junto ao princípio objetivo e subjetivo. Contudo, estas não são desenvolvidas como uma dialética concreta da natureza. Por isso, esse pensamento tencionado a uma dialética termina em um jogo vazio de analogias e paralelismos elaborados por Schelling.

A respeito do misticismo irracional, a conclusão é a de que o universal e o particular não são simples determinações do pensamento, mas a de que a determinação do ideal é a realidade objetiva existente em si sendo expressa de modo subjetivo. Assim, tanto a filosofia da natureza quanto a estética precisam de fundamentação idealista subjetiva.

A partir do platonismo de Schelling, a relação universal e particular sofre consequências: a essência da realidade objetiva se torna cognoscível e a coisa recebe da ideia a sua existência, surgindo, então, um mundo particular das ideias. A dialética do universal e do particular é levada à esfera das ideias: estas são o resultado das coisas particulares, absolutas em sua particularidade, e que são ao mesmo tempo universais. Desse modo, tem-se a assimilação do particular no universal abstrato. Mas o particular só pode ser real em si quando assume a forma do universo.

1.3 Hegel – dialética histórico-social

Como observado, tanto Kant quanto Schelling conseguiram aproximar-se dos problemas acerca da universalidade e particularidade. Contudo, terminaram em agnosticismo e irracionalismo, respectivamente. Em relação à evolução, Kant não

alcançou o desenvolvimento científico e Schelling mistificou as ideias e as referências sobre um suposta teoria universal da evolução.

Em Hegel, por outro lado, os problemas da filosofia da natureza aparecem um pouco mais tarde, pois ele principia suas ideias tentando entender filosoficamente os acontecimentos sociais de sua época. Desse modo, o pensador alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel foi capaz de ultrapassar as barreiras encontradas por Kant e Schelling, as quais os fizeram retroceder em suas conclusões. Devido a esse fator, Hegel procurou estabelecer a base de uma dialética histórica nas revoluções burguesas para construir uma nova lógica. E a questão central desta é a relação entre singularidade, particularidade e universalidade.

A tarefa da revolução, para Hegel, é precisamente a de criar um ordenamento estatal que corresponda às relações sociais reais. Buscando esclarecer filosoficamente esta questão, ele se depara com o problema da dialética histórico-social de universalidade e particularidade. Nesta transposição de uma concreta e atual questão político-social na abstratividade da filosofia, manifesta-se naturalmente o idealismo de Hegel, o fato de que todo o seu mundo ideal é determinado pelo atraso da Alemanha. (LUKÁCS, 1970, p. 38)

O problema da dialética histórico-social de universalidade e particularidade é evidenciado quando a revolução é utilizada a fim de possibilitar o ordenamento estatal que corresponda às relações sociais reais. Hegel conceitua o Estado do antigo regime como aquele que pretende representar o todo, sendo assim universal, mas em sua limitação, se dedica exclusivamente aos interesses das camadas feudais dominantes, ou seja, é particular.

Assim, o que é universal torna-se particular, e aquele permanece somente como um pensamento, um ideal. Contrária a essa realidade, a burguesia, a classe da revolução, defende não só o progresso social bem como os interesses de outras classes, é o particular tornando-se social. A luta de classes é a luta de um particular com outro particular, que lutam pelo poder.

Segundo Lukács (1970), sobre o pensamento hegeliano, “a transformação da universalidade em particularidade e, com isto, como vimos, a dialética de universalidade

e particularidade é o problema da ininterrupta transformação da sociedade como lei fundamental da história”. E por isso, essa dialética está intimamente ligada às questões relativas ao direito e à moral. Hegel é contrário à subordinação metafísica, à autonomização do particular. Mas, também faz-se necessário estabelecer o limite idealista hegeliano, pois é na dialética universal e particular que em relação ao ser social a função do pensamento é supervalorizada.

A intuição perde sua identidade de universal e particular com o idealismo subjetivo. E o real é constituído pela identidade daqueles. A filosofia hegeliana emprega às formações sociais as relações de universalidade e particularidade. Por fim, a sociedade burguesa que surge da revolução é uma forma do universal. Porém, aquilo que é novo, que nasce na história, é de caráter universal; o particular deriva, posteriormente, do processo histórico objetivo.

Para Hegel, aproximando-se do idealismo mistificador, o que faz a história é o espírito do mundo. São as aspirações, os ideais dos homens que constituem a força motriz da história. E esta é uma reprodução das particularidades humanas. Todavia, os interesses particulares são inseparáveis do universal, pois é a partir daquele que o universal se origina. Partindo da perspectiva histórica, o método dialético encaminha-se para demonstrar que a história é feita exclusivamente pelos homens.

Apesar de o pensador alemão ter criticado corretamente o idealismo de Kant, não foi possível para Hegel superar totalmente a filosofia kantiana. Ambos não são capazes de identificar conceitualmente uma real evolução no processo da vida. O grande passo a frente de Hegel se dá com a concretização da dialética universal e particular como uma conversão recíproca destes momentos um no outro, especialmente, por ter considerado o conteúdo histórico-social como o fator determinante para essa relação.

Ele foi capaz de compreender as determinações relacionadas aos traços essenciais da dialética universal e particular na realidade do mundo capitalista. O econômico e o social fazem parte do princípio universal do desenvolvimento. Assim, este conservará sua totalidade concreta quanto menos desenvolvido for o princípio do particular. O estabelecimento da dialética que une esses dois conceitos está ligado à

realização da particularidade na vida em que se apresenta de maneira intensa na economia do capitalismo.

Além disso, Hegel também observou algumas características essenciais da moderna sociedade burguesa, principalmente no que diz respeito à estrutura e à produção da sociedade, entendendo o papel e o significado da economia política. Hegel identifica uma mediação do particular pelo universal, ou seja, há um movimento dialético quando se trata da dependência e da reciprocidade do trabalho e da satisfação das necessidades individuais, as quais contribuem para a satisfação das necessidades de todos.

Quanto ao conceito de singularidade, Hegel propõe que este é a particularidade do universal. É o momento da determinação e da reflexão dentro de si mesmo. São três totalidades constituídas de uma mesma e única reflexão. Por isso, as singularidades não devem ser concebidas de modo independente do particular e do universal. Desse modo, o processo da determinação leva do universal ao particular. Este é o momento que possui movimento autônomo em direção à especificação, não sendo, pois, uma categoria mediadora estática entre o universal e o singular.

Naturalmente, em Hegel, não somente a particularidade, mas também a universalidade e a singularidade, são tanto processo como resultado; o universalizar-se e o individualizar-se são nele, por outro lado, um movimento logicamente compreensível e expressável das coisas e de suas relações, do mesmo modo como a especificação, o particularizar-se (determinar-se). Precisamente estes movimentos e sua autoconsciência constituem para Hegel a verdadeira e autêntica dialética. (LUKÁCS, 1970, p. 60)

Ao demonstrar o aspecto processual da relação dialética de universalidade e particularidade, Hegel determinou a partir dessa perspectiva a exata posição do particular: em relação ao singular, a particularidade é um universal; e com relação a este, é uma determinação (singularidade). É capaz de fundir os dois extremos (universal e particular) dentro de si mesmo. Por outro lado, a universalidade possui sob si tanto o particular quanto o universal; e o singular assume o universal e o particular.

A grande intuição (ou constatação) de Hegel foi a prioridade do conteúdo em detrimento da forma, a qual empregou em sua lógica. Além disso, evidenciou o

caráter histórico da dialética particular e universal em que ambos os conceitos estão ligados e condicionados um ao outro, as concepções convertem-se uma na outra. Portanto, as relações entre universal, particular e singular são consideradas como parte relevante da dialética presente na realidade.

1.4 Materialismo Dialético – Marx e o Particular

Karl Marx, antes de mais nada, parte dos pressupostos hegelianos a fim de criticá-los e exaltá-los enquanto ideias a respeito da dialética estabelecida a partir das relações entre singular, universal e particular. É justamente em Hegel que se encontra o posicionamento correto quanto ao problema do particular. Há, contudo, a crítica marxista frente à dialética idealista a qual evidencia o caráter burguês dessa concepção e suas irregularidades e ambiguidades. Esta é contraposta à dialética materialista que busca demonstrar as conquistas do mundo socialista.

Porém, Marx também reconhece a constatação de Hegel que diz respeito à dialética universal e particular estar ligada às revoluções democráticas da burguesia na qual se entende que no antigo regime a classe dominante dizia representar a sociedade (o universal), enquanto, na realidade, pretendia fazer valer seus próprios interesses (o particular). A classe revolucionária, por sua vez, deve lutar por seus interesses de modo que possa representar aqueles que foram prejudicados pelo regime anterior. Assim, uma classe atuante na revolução pode tomar para si o domínio do universal a fim de buscar os direitos da sociedade.

Ademais, no *Capital*, Marx expressa formulações que resumem o problema como um todo, as quais evidenciam como a dialética de universal e particular seja a mais exata determinação do problema através precisamente desta mesma dialética, do reflexo em forma lógica de um fato fundamental: o de que o ser é um processo, o da natureza histórica do ser de qualquer formação econômica e, portanto, também do capitalismo. A extinção da dialética à qual nos referimos é, ao mesmo tempo, a extinção da concepção histórica. (LUKÁCS, 1970, p. 78-9)

Marx fala no fim da concepção histórica, caso haja a extinção da dialética universal e particular. A dialética histórica é evidenciada quando se considera que quanto mais desenvolvido o concreto, as abstrações mais gerais surgem e a totalidade deixa de ser pensada como uma forma particular, pois as características são comuns a um grande número de fenômenos.

A dialética entre universal, particular e singular é realmente estabelecida e realizada do seguinte modo: é a partir da realidade que as questões históricas e estruturais são concebidas, desse processo surgem as leis universais, abarcando o todo, e estas leis levam novamente aos fatos singulares da vida, à realidade.

A ciência autêntica extrai da própria realidade as condições estruturais e as suas transformações históricas e, se formula leis, estas abraçam a universalidade do processo, mas de um modo tal que deste conjunto de leis pode-se sempre retornar – ainda que frequentemente através de muitas mediações – aos fatos singulares da vida. É precisamente esta a dialética concretamente realizada de universal, particular e singular. (LUKÁCS, 1970, p. 81)

Marx considera e expõe o problema da dialética do universal e particular: a forma concreta da relação desses conceitos dever ser esclarecida sempre considerando a situação social e a estruturação econômica, além disso procura identificar de que modo as transformações históricas modificam tal dialética. Ao relativizar a dialética do universal e particular, tem-se que em determinadas situações concretas há a conversão de um elemento no outro; assim: a especificação do universal o torna particular, com o aumento do universal, o particular pode se findar, ou ainda o universal desenvolver-se até se transformar em particular e o movimento contrário também é possível acontecer.

A filosofia marxista utiliza a dialética concreta de universal e particular em sua dialética econômica a fim de tornar claras as conexões reais. Assim, as relações entre singular, universal e particular são relevantes para o estudos econômicos de Marx: é por meio da particularidade que, na realidade objetiva, a singularidade se eleva à universalidade. Somente com o desenvolvimento histórico-social que o homem, através do pensamento, é capaz de realizar uma generalização da economia.

O conhecimento efetivo consiste no fato de o pensamento humano elevar a singularidade à particularidade e esta à universalidade. Mas para se chegar à universalidade, Marx propõe dois caminhos que o pensamento deve seguir: parte-se da realidade concreta dos fenômenos singulares em direção às abstrações ou, a partir das abstrações, chega-se à realidade concreta considerando que as abstrações auxiliam para a melhor e mais exata compreensão da realidade concreta.

Este movimento está estritamente ligado à dialética universal e particular: as universalidades transformam-se em particularidades devido ao processo de conhecimento. A concepção dialético-materialista está relacionada aos sistemas idealistas objetivos, deixando para trás qualquer tipo de mistificação e fetichização do universal.

A dialética materialista entende que entre a universalidade e a singularidade existe uma contínua tensão e uma contínua conversão entre universal e particular e, inclusive, propicia o movimento contrário. Na dialética universal e particular, este tem a função de mediar a relação entre a singularidade dos homens e sociedade (o universal).

Voltando a Hegel, encontra-se a ideia de que a dialética entre universal e particular é dissolvida quando a categoria do singular é considerada individualmente. E, sem essas relações, a singularidade é incompreensível. Desse modo, a realidade e a essência do singular são entendidas pelo pensamento quando as mediações relativas ao universal e particular são evidenciadas. É no singular que se estabelece a atividade específica das leis universais.

O particular possui características específicas, contudo, por ser a categoria intermediária da dialética, ora é confundido com o universal, ora com o singular. A particularidade, assim como a singularidade e a universalidade, não pode ser considerada como um ponto fixo, imutável, essas categorias oscilam – especialmente o particular, em maior ou menor grau a depender do objeto e do propósito do conhecimento que se quer estabelecer.

Dessa forma, em Marx a categoria da particularidade possui um caráter posicional: quanto ao singular, representa uma universalidade relativa e quanto ao universal é uma singularidade relativa. Esse aspecto pertencente ao particular deve ser entendido como um processo. Ademais, o indivíduo é singular e o pensamento é universal, este não pode representar o ser, faz-se necessário a mediação do particular.

CAPÍTULO II

O Particular e a Estética

Após o breve introito acerca dos estudos filosóficos os quais se encaminham para o entendimento da dialética estabelecida entre universal, particular e singular, damos um passo a frente e partimos para o questionamento central deste estudo: o que o problema encontrado no pensamento dialético significa para a estética de modo geral? Além disso, como podemos encontrar tal elemento dentro das obras artísticas? Para dar início a uma tentativa de solução, atemo-nos aos estudos de György Lukács baseados na Teoria Estética Marxista por ele evidenciada, considerando suas ponderações sobre Goethe.

2.1 Goethe e a Dialética Universal e Particular na obra de arte

O primeiro ponto a ser desvelado é o fato de que a teoria estética esteve sempre, necessariamente, a um passo atrás da experiência artística, a arte em si. Já nos tempos remotos o homem primitivo fazia uso de suas habilidades artísticas – as famosas pinturas rupestres – e conhecia as categorias componentes da estética. Assim, busca-se incessantemente saber se as teorias elaboradas acerca da obra de arte são capazes – ou até que ponto conseguem – identificar a sua essência estética.

Platão e Aristóteles trataram do problema estético a partir do conhecimento filosófico. Aquele fala em deixar de lado toda a essência da realidade devido ao seu idealismo, o que nos envia ao processo naturalista de composição imediatista, o cientificismo da arte. Por outro lado, Aristóteles acredita que a produção artística deva ser um reflexo da realidade objetiva. Contudo, este se distancia do método copista encontrado no naturalismo, sendo então o centro da estética a reprodução poética, a qual coloca em relevância a essência da realidade.

Apesar de muitos filósofos e artistas trabalharem e estudarem profundamente a questão da dialética, especialmente o problema da particularidade, é o escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe que trará novas e relevantes ideias. Desse modo, Lukács (1970:127) diz que “Goethe deu um decisivo passo a frente, atingindo uma clara visão do problema, ainda que certamente sem chegar a uma completa

sistematização estética”. Veremos que o autor de *Fausto* não escreveu uma “cartilha” sobre a boa arte, antes se dedicou, especialmente, à questão da dialética.

Contudo, Goethe não está sozinho. Relacionou-se com os pensamentos de Schelling, possuía amizade com Schiller, foi leitor de Kant e manteve relações com Hegel. Estas são as influências que o pensamento goethiano traz consigo ao tentar constituir uma dialética. Diferentemente de Hegel, o pensamento dialético de Goethe é impulsionado pelos novos problemas e resultados acerca das ciências naturais. Além disso, outra diferença do pensamento goethiano em relação aos seus contemporâneos é a concepção materialista, aproximando-se de Marx e da dialética materialista da arte, oposta aos idealistas.

A concepção de natureza de Goethe está intimamente ligada à estética. Essa natureza é a mesma tanto para a arte como para a ciência e, é a partir dela que se busca a essência verdadeira dos fenômenos (ou seja, das aparências). Não podemos deixar de fazer referência ao chamado antropologismo goethiano – um dos fatores que nos leva a identificar importantes elementos em sua teoria e prática estéticas – em que a obra de arte e a estética, de modo especial suas categorias, possuem uma ligação natural. E, é esta ligação que proporciona o conteúdo à arte, permanecendo assim o “seu caráter especificamente estético” (Lukács, 1970, p.133).

Assim, como o pensamento estético goethiano está totalmente imbricado às questões relativas à natureza, o alemão consegue se aproximar da filosofia da natureza por meio de seus métodos e de suas estruturas estéticas. Para ele, o cerne do problema da produção artística baseia-se no fato de que, por trás das leis secretas do natural, encontramos o belo das coisas. E, aquela lei que se torna um fenômeno é simplesmente o belo. Por isso, segundo Lukács, “Goethe pode dizer sobre o problema central da estética” que

“o belo é uma manifestação de leis secretas da natureza, que permaneceriam eternamente ocultas para nós se não aparecessem”. E concretizando, posteriormente, esta afirmação, diz Goethe: “Uma lei que se revela como fenômeno é elevada ao belo”. (GOETHE *apud* LUKÁCS, 1970, p. 145.)

Ao ler as obras literárias de Goethe, o público é capaz de observar que a produção artística do autor é marcada por uma forte ligação entre a natureza e a estética.

Esta é a provável concepção de mundo goethiana. E é justamente neste ponto que nos deparamos com o problema da dialética – o qual é tratado como o centro de sua teoria e *práxis*. Goethe o denomina de *Fenômeno Originário* (*Urphaenomen*). Não por acaso, este recai necessariamente no campo do particular. Quanto à categoria da particularidade, os pensadores alemães – Hegel e Goethe – colocam em relevância a posição intermediária, entre universal e singular, que aquela ocupa. Exercendo, desse modo, a função de ligação e de mediação.

O chamado *Urphaenomen* com a sua função mediadora possui também uma ampla independência. A particularidade ou o fenômeno originário deve comportar-se como mediador para a universalidade, sendo esta uma das características do modo como Goethe desenvolve sua pesquisa acerca da natureza. Assim, é no *Urphaenomen* em que se baseia a prática e a teoria estética goethiana. Segundo Lukács (1970, p.136), “Nas leis objetivas e imutáveis da natureza, cuja essência ele concebe sempre como inseparável da essência do homem, Goethe vê o que há de comum na natureza e na arte”.

Assim, com todas as breves considerações tecidas sobre o pensamento goethiano, justifica-se o fato de ser nele que encontramos, primeiramente, a ideia de que a estrutura da estética é a categoria do particular. Daqui em diante, precisamos atentar-nos para as relações que Goethe procura estabelecer a fim de caracterizar a dialética. A primeira delas é “o acontecimento mais particular se apresenta sempre como uma imagem e um símbolo do mais universal” (GOETHE *apud* LUKÁCS, 1970, p.150). O particular é, então, semelhante ao universal. Em diferentes situações, a particularidade será a representação da universalidade, existindo uma relação de subordinação daquela a esta. É o universal que se adequa ao particular.

Outro fator importante das considerações acerca da estética realizadas por Goethe diz respeito à ligação que há entre o lugar central ocupado pela particularidade e a relevância empregada ao conteúdo em detrimento da forma, tanto em uma concepção objetiva quanto subjetiva. Por isso, tanto na vida quanto na ciência e na arte, o homem consegue empregar suas capacidades espirituais, o que o torna capaz de apreender e reproduzir a realidade objetiva. Ou seja, segundo o pensamento goethiano, é o conteúdo que ocupa o espaço principal na obra de arte, revelando, desse modo, os universais por meio da particularidade.

Nas palavras de Lukács (1970), observemos como Goethe traz à tona sua concepção sobre a relação que existe entre a particularidade e as outras categorias dialéticas:

Goethe descreve o processo pelo qual o autêntico artista capta o centro estético da representação na obra projetada: o particular que está em condições de agrupar sem esforço, em torno de si, todos os momentos necessários da singularidade e da universalidade que estão contidos no tema, de colocá-los em ligação orgânica consigo mesmo e reciprocamente. O objeto fecundo do qual Goethe sempre fala é, precisamente mais universal do que a ocasião que provoca imediatamente a produção, do que a experiência singular; não é, todavia, o conteúdo ideal captado em sua universalidade espiritual, mas sim, precisamente, o particular no qual ambos os extremos se unem, e do qual – se concebido com exatidão – podem ser “deduzidos” todos os elementos singulares (detalhes), bem como todos os elementos universais do conteúdo ideal, no sentido de Goethe por nós citado. (LUKÁCS, 1970, p.141)

Então, existe um processo para que o “autêntico artista” seja capaz de entender o ponto central da representação estética. Inicialmente, Goethe evidencia a habilidade que o particular possui de reunir em torno de si o singular e o universal, fazendo com que haja ligações consigo e entre eles mesmos. Em um segundo momento, encontramos a referência ao “objeto mais fecundo”, isto é, ao mote que propicia a produção da obra de arte. É neste que se fundem universal e singular, é exatamente a particularidade. E assim, nesta categoria dialética estão presentes os elementos universais e singulares os quais compõem o conteúdo ideal.

Encaminhamo-nos para as conclusões sobre a teoria goethiana. Esta é contrária à tendência romântica da arte e acredita que a representação artística e a natureza colocam em relevância o processo de “dar forma” e sua principal “operação” é a especificação. Especificar é transformar tudo em particular, é dar um significado. Goethe demonstra que, para a literatura, a particularidade é indispensável, é o que a torna viva. Esta, por sua vez, difere do que é puramente singular e possui uma forte ligação com a universalidade.

Segundo o próprio Goethe, “compreender e representar o particular é o específico da arte”. Este é o aforismo máximo goethiano resultante de seus estudos e teorização sobre a estética. E, assim, algumas conclusões tornam-se evidentes, tais

como: a imitação do que é universal pode ser feita por qualquer um, porém, o particular só é possível a cada “eu”, tendo em vista que os outros não viveram o *nosso particular*. Mas, por mais específico que algo possa ser não há nada que exista alheio à universalidade.

O universal é constituído pelos casos singulares. E é nestes casos, os quais possuem a universalidade, que encontramos o particular. Como o ponto central da estética de Goethe é a particularidade (o que foi especialmente sublinhado neste capítulo), para ele o estilo artístico é precisamente esta categoria, principalmente por causa de sua função mediadora que se funde à medição da arte com a realidade. “Precisamente por isto, ele marcou época na teoria da arte: concretizou o processo artístico da generalização, sem, porém, fixá-lo no equívoco extremo da universalidade, como sempre ocorrera desde Aristóteles até Lessing” (Lukács, 1970, p.144).

De acordo com as considerações de Lukács, podemos perceber que apesar de a dialética goethiana ser um avanço em comparação com os outros estudos já explicitados neste texto monográfico, temos de ter em mente as dificuldades e os limites presentes na teoria estética formulada por Goethe. Devido a isso, observamos que a estética marxista não é uma continuação daquilo que o pensador alemão nos apresenta.

Outro fator relevante é o fato de que Goethe não faz uma sistematização da categoria do particular na estética. A estética goethiana somente aponta para o caminho de esclarecimentos e fundamentações desta categoria. Além disso, ele indica o lugar em que o problema deve ser colocado para que seja resolvido. Assim, tendo como referência a estética marxista, Goethe e Hegel ocupam espaços semelhantes, tendo em vista a dialética e a função exercida pela particularidade.

Por meio da estética goethiana, encontramos um materialista inclinado à dialética. Goethe nunca deixou de lado o reflexo da realidade e o seu pensamento dialético não é motivado por um fator específico, antes é espontâneo. Mas, como já foi observado, a teoria estética do alemão possui algumas limitações, uma delas pode ser percebida quando Goethe entra em desacordo com a teoria do reflexo. Dessa forma, o pensamento goethiano, seus estudos e as conclusões a que chegou devem sempre ser empregadas com as ressalvas de uma crítica à sua teoria da arte.

2.2 Retomando o Materialismo Dialético

Como vimos no capítulo anterior, o Materialismo Dialético, presente nos escritos de Marx e evidenciado por Lukács, busca colocar no centro dos estudos sobre a estética a realidade objetiva comum, rompendo, assim, com a filosofia idealista e a subjetividade do real que a circunda. Dentro do materialismo dialético são estabelecidas as seguintes relações quanto à concepção de dialética: a) possui unidade no conteúdo e na forma do mundo que reflete, e b) seu reflexo afasta-se dos métodos mecânico e fotográfico da representação.

Segundo a concepção materialista dialética, essas são as duas principais características impostas ao sujeito no momento da construção concreta do mundo refletido. Este, por sua vez, aparecerá por meio de questões e problemas socialmente condicionados. Na teoria marxista, encontramos referências aos problemas sociais: são desencadeados “pelo desenvolvimento das forças produtivas e modificados pelas transformações das relações de produção” (Lukács, 1970, p.148).

2.3 O Reflexo Estético e as Categorias Dialéticas

Antes de iniciarmos as considerações a serem realizadas acerca do título desta seção, observemos a citação do texto de Lukács (1970): “o reflexo estético quer compreender, descobrir e reproduzir, com seus meios específicos, a totalidade da realidade em sua explicitada riqueza de conteúdos e formas”. O reflexo estético possui um caráter peculiar, o particular, e na unidade entre conteúdo e forma encontramos as categorias dialéticas: universalidade, singularidade, além do particular. Estas são homogêneas e se sucedem em série.

Por meio dessas, o reflexo da arte consegue atingir seu objetivo de reproduzir a realidade em sua totalidade. Contudo, é o caráter peculiar do reflexo estético o responsável pela interação entre as categorias. A relação dialética possibilita a conversão constante de uma categoria em outra. No processo do reflexo da realidade, um extremo é conduzido ao outro por meio da particularidade. Como já vimos em Goethe, esse termo intermediário possui a função de mediador do movimento nas duas direções.



Desse modo, no reflexo estético, o termo intermediário é o ponto do meio para o qual os movimentos dialéticos se direcionam. Assim, temos o movimento da particularidade à universalidade e da particularidade à singularidade além da direção contrária em ambos os casos: $P \leftrightarrow U$ e $P \leftrightarrow S$. Neste, o movimento direcionado ao particular é conclusivo.

2.4 A Superação do Universal e do Singular na Particularidade

Ocorre uma alteração no processo de transformação de uma categoria em outra, movimento referido na seção anterior: o singular e o universal aparecem sempre superados na particularidade. Todavia, essa superação não causa o desaparecimento das categorias, antes provoca a sua conservação, especialmente quanto à função exercida pela universalidade no reflexo estético. Encontramos nas produções das obras de arte o caráter generalizador artístico que é a generalização da vida, “dos fenômenos concretos da vida”. Assim, o valor das obras está, principalmente, nas intensas discussões fomentadas acerca da “totalidade dos grandes problemas de sua época”.

Quanto à singularidade, voltamo-nos à dialética entre fenômeno e essência: é preciso que haja a conservação do singular, no processo de sua superação pela particularidade, para que o fenômeno possa expressar sua essência. Segundo Lukács (1970, p. 152), “quanto maior for a sua força criadora [do artista], tanto mais sensivelmente (re)transformará as mediações descobertas numa nova imediatez, concentrando-as organicamente nela: ele formará um particular partindo do singular”.

Assim, na imediatez do singular, temos que suas características permanentes e mutáveis são equivalentes. Mas, de acordo com as mediações que lhe servem de base, essas características possuem comportamentos diferentes. E é por meio dessas mediações que a singularidade estabelece relações com a particularidade e o universal. Por fim, o processo de deslocamento na estrutura do singular nos redimensiona a “sua própria superação e elevação ao particular”.

2.5 A Categoria da Particularidade

Diferentemente do particular, o universal e o singular são categorias, pontos extremos e impulsionados para o exterior. Aquele, por sua vez, é um traço intermediário, encontra-se no meio das outras categorias dialéticas, formando um campo, uma extensão destas. Mas, quando tratamos do reflexo estético, o traço médio que é a particularidade se torna o ponto central dos movimentos da dialética.

Como consequência, surge para a teoria do reflexo estético uma dificuldade, um impasse, em determinar o lugar exato em que se encontra o ponto central. Esse problema possui dois fatores principais: a todo o momento existe certa relatividade do particular em relação ao universal e ao singular, e a particularidade converte-se sempre neste e naquele, respectivamente, constituindo, assim, “uma passagem para a universalidade ou para a singularidade”.

Desse modo, como Lukács evidencia, o particular é o ponto mais importante, pois é o ponto central do reflexo estético. O que precisa ser entendido por todos que enxergam a obra de arte do ponto de vista da vida é: no processo de escolha da posição do ponto central na particularidade é que se decidem as questões relativas ao conteúdo e à forma do real.

Existe uma contrariedade entre o particular como “campo” de mediação do reflexo científico e como ponto central organizador para o reflexo estético. E justamente essa contrariedade é, para a estética, a ponte para a compreensão correta da particularidade como ponto central de um campo em movimento. A determinação desse ponto, a posição escolhida, em relação à universalidade e à singularidade, influenciará na estrutura de uma obra individual. A escolha do ponto central determina a peculiaridade artística e implica em um movimento em torno deste na esfera do particular.

2.6 A Autonomia da Particularidade

A obra de arte – a “forma autônoma” da particularidade –, criada pelo homem, não pretende ser uma realidade no mesmo sentido em que é o real da realidade objetiva. É, na verdade, a particularidade posta como uma “realidade” da qual não se pode modificar sua existência e seu modo de ser. Podemos somente aprová-la ou rejeitá-la em nosso subjetivo. A “realidade” da obra de arte é uma realidade sensível. No

reflexo artístico, a superação da singularidade imediata é sempre uma conservação e a particularidade não se torna autônoma como oposição à singularidade. Mas, assim como o universal na realidade objetiva, a particularidade está presente em todas as formas da singularidade imediata. Isto é, o indivíduo (singular) constitui-se a partir da universalidade que o rodeia e, assim, se torna particular.

2.7 O Método Materialista-Histórico

Esse método determina a necessidade dos gêneros dos quais as formas artísticas exprimem as relações universais dos homens com a sociedade e com a natureza. É a determinação do social na arte. A crítica materialista-histórica precisa estabelecer uma estreita relação e integração com o método dialético-materialista da arte para que as questões complexas da estética sejam mais bem compreendidas.

Devido a esta relação, duas pesquisas são de extrema importância tanto para a estética quanto para crítica, são elas: a) procurar saber, em cada caso concreto, se o ponto central do particular que foi escolhido pelo artista corresponde ao conteúdo ideal da obra, ou seja, se esse ponto foi muito ou pouco elevado para se encontrar a expressão adequada; e, b) é preciso observar qual a determinação e a influência acarretadas para a obra de arte singular na vitalidade estética da composição.

Desse modo, é necessário observamos como a crítica dialética e o método dialético-materialista da produção artística são empregados na arte literária. Por isso, o próximo capítulo é dedicado à relação existente entre as categorias dialéticas e a representação na literatura, a fim de que a teoria aqui explicitada seja aplicada às obras de arte. Por fim, é colocada em relevância como a realidade e o método dialético são estabelecidos na literatura.

CAPÍTULO III

A Representação Literária da Dialética

Neste capítulo, buscamos a aplicação daquilo que foi apresentado anteriormente. Foi preciso perpassar pela explicação das teorias consagradas sobre a dialética para que pudéssemos chegar ao nosso destino final: como o estudo da estética encontra seu lugar nas representações literárias. A literatura nos mostra vários mundos que refletem diversas realidades. E, é por meio da literatura que queremos entender a história e a consciência dos sujeitos que a fizeram/fazem. Por fim, tentamos compreender a relação entre a arte e a sociedade e como aquela é capaz de refletir o real sem sê-lo objetivo, mas o particular de cada um.

Tanto a arte quanto o trabalho estão ligados ao singular e ao universal. Por meio do pensamento é possibilitado ao indivíduo executar o trabalho produtor da universalidade e aquele é traduzido em linguagem – a qual também é universal. Na arte, a característica principal é a peculiaridade necessária para que o artista encontre algo que consiga resolver dialeticamente as relações entre singular e universal. Na verdade, quando falamos sobre a diferença entre o trabalho e a arte acentua-se que esta não possui uma finalidade prática.

Para falarmos sobre a arte e a dialética que a permeia, faremos uso do método dialético materialista com o auxílio dos instrumentos proporcionados pela crítica do materialismo histórico. Em Hegel, observamos que a história mobiliza as representações artísticas. Assim, quando uma classe, antes singular, toma o poder, ela se universaliza. É um fenômeno da vida cotidiana que mostra sua essência na arte, pela categoria da particularidade (mediadora dos movimentos entre o singular e o universal).

Ao estudo científico interessa sempre a universalidade. Contudo, a evolução humana é contraditória, pois se espera que o gênero humano consiga superar as barreiras naturais: dominação da natureza e de outros homens. Identifica-se aqui um fato de retrocesso – do caminho que se faz do singular ao universal, este pode se perder. O progresso vai depender da ação de cada indivíduo, para que então se possa falar em um caminho para a humanização, o qual não será linear, mas sempre contraditório. Assim, poderemos tratar como tragédia histórica o sacrifício imposto ao sujeito durante a história: o resultado das ações humanas.

No âmbito da literatura, é o romance histórico que explora o declínio e o extermínio de uma classe e a ascensão de outra. Encontramos na representação literária a revelação das forças transformadoras da história – a humanização do ser e a superação das barreiras naturais pelo homem. O personagem de um romance surge a partir de um singular que se encaminhou para o universal, tornando-se particular, o que chamamos de personagem *típico* ou *tipo*. Este concentra em si as forças históricas que estão em ação, revelando uma direção da história. É com base no personagem particular (típico) que a obra de arte se revela àquele que contempla as transformações da história.

Quando o autor constrói *tipos*, ele passa da individualidade à generalização (universal). Estabelece o “tipo ideal” que revelará a essência do fenômeno que representa. A grande literatura é uma coleção de tipos. Nesta são representadas a vida e as suas contradições, isto é, a singularidade é superada no particular para que seja representada a totalidade. Outra relação dialética emerge: a diferenciação entre aparência e essência e para que a estética possa ser apreendida é preciso que haja a predominância da cognição.

A realidade em si coloca as coisas as quais o escritor deve se vincular. A arte não é mero divertimento, mas uma forma de conhecimento. É uma forma de se conhecer, de autoconhecimento humano. Com a catarse, o indivíduo singular torna-se participante da universalidade (generalidade). Cada um se reconhece frente a uma obra de arte porque sente prazer. Só o homem é capaz de senti-lo diante da representação artística, pois essa sensação pertence à humanidade, devido a sua singularidade. A arte possui a missão de desfetichizar o mundo exterior para a subjetividade humana.

Na seção que segue abaixo, tentamos chegar a algumas conclusões sobre a estética e a sua relação com a sociedade. Para tal finalidade, nos valem de outros textos teóricos que nos mostram como a representação literária vai muito além de uma cópia da realidade ou da criação de um mundo fictício. E assim, procuramos resgatar o pensamento inicial desse trabalho, no qual nos propomos a estabelecer as relações entre as categorias dialéticas quanto à produção artística e aos conceitos estéticos de arte.

3.1 A Literatura e as Categorias Dialéticas

Principiamos pelo significado de dialética imbricado neste trabalho. A fim de tentar explicá-lo, encontramos no livro, organizado pelos professores Hermenegildo

Bastos e Adriana de F. B. Araújo, *Teoria e Prática da Crítica Literária Dialética*, o último capítulo intitulado *Termos-chave para a Teoria e Prática da Crítica Literária Dialética* o qual possui algumas definições e reflexões acerca de um vocabulário comumente empregado nesta linha de pesquisa. Assim, ressaltamos um trecho da definição do termo *contradição (dialética)*:

A dialética busca escapar do mecanicismo e, para tanto, pensa os elementos opostos como partes de um todo, portanto, não é possível pensar o todo sem considerar suas partes, tampouco é viável pensar as partes abstraindo-as do todo que as formam. [...] como forma dialética, a literatura se apresenta como elemento de contradição em relação ao mundo, uma vez que, como unidade relativamente autônoma, a literatura se opõe ao mundo do qual ela é, ao mesmo tempo, parte integrante. (CORRÊA e HESS, 2011, p. 153)

Do mesmo modo que a dialética procura pensar o todo considerando as contradições que a ele pertencem, a literatura capta essa contradição que representa o todo: a totalidade humana. Do mundo, a arte literária faz parte, mas esta faz questão de contradizê-lo. O universal e o singular estão presentes na ação praticada pelo homem, mas é a particularidade, mediando essas categorias, que possibilita a formação e a estruturação de uma obra de arte. A arte é um possível reflexo da realidade subjetiva de cada sujeito.

Na antiguidade clássica já se pensava sobre o modo de representação literária. Em Aristóteles, encontramos um pequeno registro daquilo que o materialismo-dialético, surgido de concepções marxistas da arte e repensado por Lukács, nos evidencia. Na *Arte Poética* do filósofo grego, temos que “a obra do poeta não consiste em contar o que aconteceu, mas sim quais podiam acontecer, possíveis no ponto de vista da verossimilhança ou da necessidade” (1981, p. 28). Então a arte, em especial a literatura, não deve representar somente a realidade vivida pelo artista, antes, precisa demonstrar e nos fazer refletir sobre aquilo que poderia vir a acontecer, desde que seja verossímil ao real.

Com o surgimento da sociedade de classes através das diversas revoluções, em especial a Revolução Francesa, temos a ascensão da burguesia ao poder, antes dominado pela realeza. Na literatura, e na arte de um modo geral, temos uma oposição entre o mundo moderno que se iniciava e os moldes do antigo regime. Hegel, como já

fora evidenciado neste trabalho, é quem primeiro avança para as questões históricas relacionadas à dialética.

Quanto à representação artística, no texto “O Romance como Epopeia Burguesa”, Lukács faz uso das palavras de Hegel para que observemos a contradição entre o mundo moderno e o antigo:

O caráter prosaico da época burguesa consiste, para Hegel, na inevitável abolição tanto desta atividade espontânea quanto da ligação imediata entre o indivíduo e a sociedade. Diz ele: ‘No atual Estado de direito, os poderes não têm em si mesmos uma figura individual, mas o universal enquanto tal reina em sua universalidade, na qual o caráter vivo do indivíduo ou é removido ou aparece como secundário e indiferente’. Portanto, os homens modernos, ao contrário dos homens do mundo antigo, ‘têm seus objetivos e condições pessoais separadas dos objetivos do todo; o que o indivíduo faz com suas próprias forças o faz somente para si e, por isso, responde apenas por sua própria ação e não pelos atos do todo substancial ao qual pertence. (Lukács, 2011, p. 196)

Além da diferenciação feita entre o posicionamento do indivíduo moderno e os homens do mundo antigo, Hegel resgata a ideia de ligação entre universal e singular que permeia o sujeito e a sociedade. Para ele, é o caráter universal que reina nas relações humanas quando o poder [do Estado] está envolvido. Mas, os indivíduos modernos almejam objetivos diferentes. Aqui, podemos suscitar as consequências da sociedade moderna capitalista: o trabalho é coletivo, mas a apropriação é individual.

Assim, a sociedade não pode ser mais representada por meio de um exemplo *típico*. Deparamo-nos com a contradição da unidade que antes existia. Em conjunto com o surgimento da sociedade de classes, esse fenômeno é explicitado por Lukács do seguinte modo:

As características, as ações ou as situações dos indivíduos não podem mais representar toda a sociedade, ou seja, não podem se tornar típicos de toda a sociedade. Cada indivíduo representa agora uma das classes em luta. E são a profundidade e a justeza com as quais é compreendida em dada luta de classes em seus aspectos essenciais que permitem resolver o problema da tipicidade dos homens e de seus destinos. A unidade da vida do povo, que se tornou contraditória, pode ser representada apenas por meio da apreensão correta das oposições que a constituem, ou seja, como a unidade destas oposições. (Lukács, 2011, p. 206-7)

Não estamos mais tratando de indivíduos que representam a totalidade do mundo em que vivem, fala-se, agora, na sociedade moderna e em indivíduos que representam suas classes. A antiga unidade, a qual se tornou contraditória, só pode ser entendida com a apreensão dos elementos opostos que a constituem. Aqui deparamo-nos novamente com a dialética: os jogos entre a universalidade e a singularidade, caminhos opostos que precisam ser entendidos em conjunto, como uma totalidade da qual a particularidade faz a mediação para que exista “a unidade dessas contradições”.

Na literatura, podemos observar a dialética na representação da realidade. A diferença estética entre a antiguidade e a modernidade nos mostra que são as categorias dialéticas e o ponto central da particularidade, escolhido pelo artista, os responsáveis pela obra de arte conseguir alcançar o homem em sua totalidade: como ser social e na sua subjetividade. Assim, os gêneros literários são capazes de evidenciar os movimentos dialéticos na representação literária. Assim, no período homérico, segundo Lukács (2011, p. 206), “o indivíduo situado no centro da narração podia ser típico ao expressar a tendência fundamental de toda a sociedade, e não a contradição típica no interior da sociedade”.

Quando abordamos tipicidade do personagem, uma das marcas da teoria estética lukácsiana, ressalta aos nossos olhos como as relações entre as categorias dialéticas, pensadas de acordo com o método materialista-histórico, influenciam no reflexo estético. Assim, podemos nos encaminhar para a constatação a qual nos propomos neste trabalho: como as categorias estéticas, a arte e a sociedade mantêm-se interligadas. O personagem *tipo* carrega em si o universal e o singular, ambos superados na particularidade, para que uma classe ou sociedade possa ser representada e, assim, os parâmetros estéticos do realismo sejam estabelecidos. Desse modo, Celso Frederico, em *Marx: a arte como práxis* (2013, p. 52), observa:

Procedimento central em toda a estética realista, o recurso à tipicidade visa a expressar, nos indivíduos empíricos e nas situações descritas, as tendências gerais objetivas do processo social. O personagem típico encarna, ao mesmo tempo, o individual e o genérico: [...] como resultado histórico do jogo das mediações materiais e de tendências que atravessam esse conjunto orgânico e contraditório que é a sociedade capitalista.

A arte não só reflete o mundo, mas nos apresenta uma realidade na qual somos capazes de nos reconhecer. O personagem *típico* figura o realismo, não como escola literária, mas como uma atitude estética. Esse encarna em si a vida humana e seus movimentos para que nós, leitores, possamos captar seu desenvolvimento e evolução. Por detrás desse tipo e dessa realidade refletida e refratada pela estética realista, está a concepção dialética manifestada de forma sutil nas “formas fenomênicas da arte”: é a “particularidade como síntese do universal e particular”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, o conteúdo desse trabalho visa salientar a importância de algumas questões pontuais que permeiam a crítica literária dialética. Importância essa que ainda deve ser amplamente estudada, pois a questão da produção da obra de arte considerando as concepções marxistas e lukácsianas é um vasto campo a ser explorado. Para isso, esta monografia propõe um estudo mais específico das categorias dialéticas: singular, particular e universal.

Vimos que os significados dessas categorias estão pautados não só naquilo que Marx pensou, mas carregam consigo uma tradição que vem de Aristóteles, Kant, Goethe e, principalmente de Hegel. É muito interessante notar que as visões desses filósofos algumas vezes se contradizem, porém, a todo instante se complementam. Encontramos nos escritos de Lukács resquícios do subjetivismo de Hegel e o idealismo de Kant, mas, sobretudo, aquilo que resultou de seu empenho aos trabalhos filosóficos e econômicos marxistas.

Contudo, mais que entender a teoria estética marxista e as considerações lukácsianas, buscou-se dar o “pontapé” inicial para os estudos sobre as relações destas com a representação literária. Considerando a Crítica Literária Dialética, podemos compreender que a literatura é arte e, por isso, ela está envolta pela estética e pela realidade, pela vida humana. O que essa linha de estudos nos faz enxergar é que o real estabelecido nas obras de arte é o reflexo da objetividade e subjetividade humana.

Assim, este trabalho monográfico mostra-se como o início dos estudos, a serem ainda amadurecidos, sobre a teoria lukácsiana da estética, com o objetivo de dar base para o entendimento de novos conteúdos, definições e questionamentos que permeiam o estudo literário. Demonstra-se aqui o interesse não só pela literatura e pela Crítica Literária Dialética, mas, principalmente, pela ligação entre a arte e o homem, considerando a relação de trabalho que se estabelece. Servindo de mote para estudos futuros.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. Porto: Casa da Moeda, 1986.

AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BASTOS, Hermenegildo & ARAÚJO, Adriana (orgs.). *Teoria e prática da crítica literária dialética*. Brasília: Editora da UnB, 2011.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1976.

CORRÊA, Ana Laura dos Reis & HESS, B. H.. “Termos-chave para a teoria e prática da crítica literária dialética”. In: ARAÚJO, Adriana; BASTOS, Hermenegildo (Org.). *Teoria e prática da crítica literária dialética*. 1ª ed., Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011, p. 149-179.

FREDERICO, Celso. *A arte no mundo dos homens: o itinerário de Lukács*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

LUKÁCS, György. *Introdução a uma estética marxista*. Tradução de Calos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

_____. *Estética. La peculiaridad de lo estético*. Vol. 2. Barcelona: Grijalbo, 1965.

_____. “Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels”. In: MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. São Paulo: Expressão Popular, 2010A, p. 11-38.

_____. “Narrar ou descrever?” In: _____. *Marxismo e teoria da literatura*. São Paulo: Expressão Popular, 2010B.

_____. “Tribuno do povo ou burocrata?” In: _____. *Marxismo e teoria da literatura*. São Paulo: Expressão Popular, 2010B.